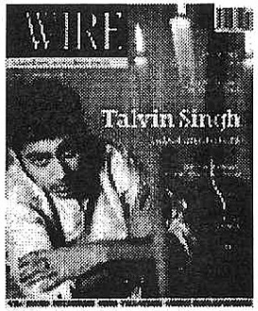
porém nem sempre conseguindo concretizar de forma tão completa o que pretendem expressar como neste trabalho é conseguido. A meu ver não há necessidade de catalogar estes Rosa Crux com um ou outro rótulo já existente ou a criar; seguem por trilhos já existentes, talves esperando transmitir na sua menagem algo mais do que sonoridades. É sem dúvida um disco a ter em atenção por quem gosta de se perder em paisagens místicas. **FN**

STOCK, HAUSEN AND WALKMAN
Sick Cat... Hairballs
CD Hot Air, 1995 – QRMCD11

Só para dar uma base comparativa, adiantarei que este edição faz-me lembrar, em quase tudo, os melhores trabalhos dos americanos Negativland. Depois, convém avisar quem ainda não saiba que os seus 'autores' são um grupo de improvisdores que começa logo por parodiar o nome dos famosos produtores britânicos de música pop comercial, e acentuar que este não é o seu primeiro disco (apesar de ter sido lançado há apenas um par de meses) nem, sequer, o último (*Organ Transplants, Vol. 1* acabou de ser editado). No 'line-up' figuram Matt Wand, Dan Weaver e Andrew Sharpley, 'sucking up' gente como Nic Collins, Otomo Yoshihide e Dave Formula... Os temas são 36 e os minutos de duração total 74. Ao longo deles há pilhagem (muita pilhagem) e colagem (muita colagem) – de sons, entenda-se! Tudo lhes serve para cortar e colar: música ambiental, dub, electronica, jazz, pop, rock, techno, mas também algum 'noise', 'scratch' e 'spoken word'. A última peça (composta por quase 10 minutos de absoluto silêncio) tenta provocar-nos com uma voz feminina que afirma "sperm is like a fish". Ora, sabendo como as/os gatos gostam de peixes, que poderemos daqui depreender quando o título do álbum a eles faz referência?... Além de tudo isto, sublinhe-se a excelente e extravagante embalagem de peluche felíno em que o disco vem abonitado. É de levar o conceptualismo ao rubro!... **LF**

SUN RA & HIS INTERGALAXTIC ARKESTRA
Second Star To The Right (Salute To Walt Disney)
CD Leo Records, 1995 – CDLR230

Gravações técnicamente perfeitas de Sun Ra é um critério que os fans do filho de Saturno não utilizam para seleccionar os seus discos. Primeiro, porque não existem, segundo, porque não são demasiado importantes na obra de Ra e, finalmente, porque desconsiderar os registos ao vivo (com todos os seus eventuais inconvenientes) significaria perder uma grande quantidade de material, de qualquer forma importante. Este é precisamente o caso de *Salute To Walt Disney*, parte de um concerto memorável de 1989, realizado na Austria, e que é um dos poucos exemplos disponíveis da fase Disney. As homenagens às músicas brancas (que contemplaram também Gershwin, Irving Berlin e Cole Porter) eram precisamente isso, tributos devidos a nomes que tinham feito "nice things". Canções como *Second Star To The Right, Someday My Prince Will Come* ou *High Ho! High Ho!*, aparecem descontextualizadas e reassumem uma nova e idealizada forma no utopismo colectivo de Ra. Por isso, reveja os seus conceitos sobre o que uma boa gravação deve ser e ...entre na festa! **GC**



THE WIRE
143 (Howie B)
144 (Talvin Singh)
ZINES Wire Magazine, 1996 - WIRE143/144

Publicada em Londres desde há já uma dúzia de anos, será justo chamar-se a atenção para os dois mais recentes números da revista *The Wire*: Talvin Singh - percussionista, produtor, colaborador de Sun Ra, FSOL, Björk, Siouxsie e da editora On-U Sound, personagem inevitável na história da fusão da música negra e asiática com a pop - recebe destaque de capa no número de Fevereiro (144); a este juntam-se textos sobre os Doctor Nerve, LFO, David Shea, Amon Düül II, Evan Parker, Test Department, Frank Zappa, Goldie, e ainda sobre os novos discos da temporada.

Já o sempre hiper-aguardado número de Janeiro (143) chama à capa Howie B - afortunado filho da cena trip-hop nova-iorquina, colaborador de Brian Eno, U2, Passengers, Soul II Soul, Tricky, Björk, Skylab e da editora Mo'Wax - e destaca Bill Nelson, Peter Blegvad e Gavin Bryars, além do habitual 'soundcheck' aos novos lançamentos e da completíssima revista ao ano editorial acabado. Aqui fica uma segunda escolha - alfabética e pessoal - dos discos que The Wire considerou os melhores de 1995: Laurie Anderson *The Ugly One With The Jewels And Other Stories*, Biota *Object Holder*, Holger Czukay/Rolf Dammers *Canaxis*, Stuart Dempster *Underground Overlays From The Cistern Chapel*, Doctor Nerve *Skin*, Michel Doneda/Rogers/Ninh *Open Paper Tree*, Fushitsusha *The Caution Appers*, Mike J. Harris/Martyn Bates *Murder Ballads (Drift)*, Mick Harvey *Intoxicated Man*, Eleni Karaindrou *Ulysses' Gaze*, The Master Musicians Of Joujouka *Joujouka Black Eyes*, Ikue Mori *Painted Desert*, Joe Morris/Rob Brown Quartet *Illuminate*, John Oswald *Grayfolded 2: Mirror Ashes*, Pablo's Eye *You Love Chinese Food*, Panasonic *Vakio*, Evan Parker *50th Anniversary Concert*, Pere Ubu *Ray Gun Suitcase*, Jorge Reyes *Tonami*, Shinjuku Thief *The Witch Hunter*, David Toop *Screen Ceremonies*, John Wall *Alterstill*, Hector Zazou *Songs From The Cold Seas*, John Zorn/Fred Frith *The Art Of Memory*, e as compilações *Deconstruct*, *Miniatures* e *Step To Another World Music*... Já outros antes o disseram, mas nós repetimo-lo sem rodeios: em todo o universo, The Wire é a mais aventureira, interessante e dedicada revista sobre música moderna ou, por outras palavras, criativa! **LF**

minimal · número 10 · Fevereiro 1996
participaram neste número
Fernando Nogueira, Gonçalo Calheiros, Jorge Lima Barreto, Luís Freixo
com o apoio de Digital-Foto · Edifício Bristol · Porto · Tel/Fax (02) 6007465
os artigos divulgados são comercializados por
audEo · Av. Boavista, 1635-00 · 4100 Porto · Tel/Fax (02) 6097239
NIPC 502667460 · CAE 51190 · CS 420000$ · CRCP 49591

minimal

folheto informativo sobre novidades **audEo** · No.10

Lucier é inventor de dispositivos sonoros e os seus trabalhos reflectem, quase sem excepção, preocupações sobre a música e os 'media'. ***Music For Solo Performer*** é um estudo sobre as ondas cerebrais e a produção musical (brain music). ***Clocker*** foi escrito para um relógio amplificado: os músicos têm colados na pele sensores galvânicos e estão ligados a um sistema digital de 'delay'; desta maneira os intérpretes de Lucier podem fazer acelerar ou retardar o tempo pelo pensamento. O som é recebido no relógio por um micro e levado a uma mesa digital que é controlada pelos impulsos de corrente eléctrica emitidos pelos sensores ligados à pele dos dedos. ***I Am Sitting In A Room***. Esta obra prima da música contemporânea situa definitivamente o compositor Alvin Lucier como um dos mais inventivos e originais; ela consiste na leitura artificiosa de um texto; esse texto é processado em 'tape' (banda magnética). A sua leitura, preconizada por uma escrita rigorosa, implica diversas formas de dicção: ênfases, fonéticas, enunciados dubitativos, suspensões, hesitações, gaguejos e balbuceios, esclarecimentos nos ditongos ou nas sibilantes, mas numa leitura aparentemente moderada – como quando alguém está numa sala vazia, sentado numa cadeira e lê um texto para si próprio e se deleita com as ressonâncias e as reverberações naturais da sala. Depois, o texto surge desprendido desta situação natural e é repetido numa estética minimal 'sui generis', por processos de condensação, de distanciamento, de aprofundamento, até que nestas diversas fases de reprodução integral do texto ele se torna irreconhecível e se reduz à pura ressonância da sala, como um vestígio do passado. ***Crossings*** é um trabalho com ondas sonoras puras obtidas através de um oscilador de frequências. A fonte sonora são instrumentos acústicos. É dividida em três partes: 1) *In Memorian Of John Higgins*, para clarinete e oscilador de ondas puras; 2) *Septet For Three Winds, Four Strings*, e oscilador de ondas puras; 3) *Crossings*, para pequena orquestra e oscilador de ondas puras. Os sons são conduzidos ao oscilador e sustidos entre 30 e 60 segundos. Os músicos consultam a pauta nos monitores onde são visualizadas as frequências. Mas o que ouvimos é uma ressonância contínua,

maravilhosa, com uma vibração tão pura como na eminência do desmaio, na volúpia da tontura – modulações suaves, sons escatológicos, experimentações audio de descompressão (como quando viajamos de avião e sobrevoamos uma zona de grandiosa turbulência). Sons que não são agressivos, antes fenomenais subtilezas, alterações reais da nossa sensibilidade. Êxtase metafísico e corporal, jogos enebriantes de estéreo e espacialização. Um novo conceito de música. **JLB**

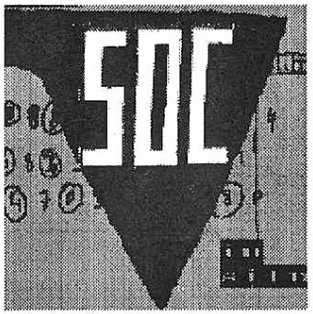
BLAST
Wire Stitched Ears
CD Cuneiform Records, 1995 - RUNE71

São discos como este que fazem o crescente prestígio da editora americana Cuneiform e da formação holandesa Blast. Este grupo, sediado em Tilburg, reune Frank Crijns (guitarras eléctrica e acústica), Edward Capel (saxofones e clarinete), James Meneses (bateria e percussão) e Dirk Bruinsma (saxofone, baixo eléctrico, vozes, orgão e gravações). Dirk, que também faz parte do quarteto Sumbur, é irmão de Drem Bruinsma, um génio quase desconhecido que 'fabricou' muitos dos sons que hoje tipificam alguma da melhor obra dos Tuxedomoon e de Steven Brown a solo. Apesar de os ensinamentos não serem esquecidos, aqui as linguagens utilizadas têm muito mais a ver com uma sensibilidade pós-Beefheartiana: neste disco tenta-se uma nova linguagem que mistura o jazz com o rock, o folk, o pop e o blues. Perguntar-nos-emos: mas, afinal, que há aqui de novo? Talvez nada. Ou talvez tudo, quem sabe?!... Se há discos que não são feitos para retirar grandes proveitos financeiros, este é seguramente um deles, apesar de estarem aqui todos os ingredientes que poderiam fazer o agrado geral. Presente está também muita sensibilidade, só que não 'refinada' pela produção. Chamaremos a isto irracional e absurdo? Talvez os conceitos predominantes é que o sejam. Deliciem-se, se puderem! **LF**

HAROLD BUDD & HECTOR ZAZOU
Glyph
CD Made To Measure, 1995 – MTM37

Ao seu redor encontram-se as participações de conhecidos nomes como Barbara Gogan (guitarra), Mark Isham (trompetes), Brendan Perry (percussões), Renault Pion (flauta e clarinetes) e Gillles Martin (misturas), além de algumas revelações como a da cantora nova-iorquina Lian Amber. "Poucos convidados, uma música minimal que deverá tentar casar o ambiental e, por vezes, as ritmícas rap... Porquê este disco? Porque conheço o Harold desde 1978, porque aprecio o seu trabalho e pensei que, juntos, poderíamos chegar a algo de interessante". Um disco que servirá o gosto exigente da maior parte dos fans de Zazou ou Budd e que, pela sua beleza e acessibilidade poderá garantir no futuro uma maior aceitação pública dos seus trabalhos. "A mim, que tenho tendência a sobrecarregar, ele ensinou a conter-me, a trabalhar à beira do vazio, a estar 'presente à minha própria ausência' como diria Proust. Ele ensinou-me o poder de uma nota bem colocada, a sabedoria da espera, a força da concentração." E Zazou tinha razão: a espera valeu a pena! **LF**

MICHEL DONEDA, LE QUAN NINH & DOMINIQUE REGEF
Soc
CD In Situ, 1993 – IS590163



Michel Doneda nasceu em 1954. Ele é um saxofonista de longa carreira, que trabalhou com todo o tipo de músicos – desde Barre Phillips aos pigmeus do Gabão – e é também uma espécie de inventor das futuras tradições populares. Lê Quan Ninh nasceu em 1961. Especializou-se em música para teatro e percussão contemporânea (integrando o quarteto Hêlios, com quem gravou *Works For Percussion* de John Cage), definindo os sons e os ritmos como algo que deve ser minuciosamente explorado e elaborado, e com eles construindo impressionantes arquitecturas tímbricas. O mais velho destes três músicos é Dominique Regef, que nasceu em 1947. Fez do mundo celta o seu próprio mundo (e do grupo folk Malicorne um nome importante dentro dessa tradição), dedicando-se a reinventar os sons do realejo (uma espécie de teclado medieval), com o qual cria um vasto e bizarro universo de sonoridades associadas a tratamentos electro-acústicos. Este trabalho obriga-nos a encarar uma inovadora proposta de world music, que um dia poderá fazer parte das tradições musicais desta velha Europa. Uma proposta futurista e talvez utópica, mas cada vez mais verdadeira música do mundo. **LF**

JEAN-PIERRE DROUET
Les Variations d'Ulisse
CD Transes Européennes, 1995 – TE006

As gravações de música para dança confrontam o ouvinte com a questão da legitimidade de separar o registo sonoro dos outros elementos que completariam a obra (o gesto, a palavra, a cenografia, etc), pelo menos no caso em que daí possa depender o sentido e o valor da edição. No caso destas *Variations d'Ulisse* aconteceu que a coreografia (de Jean-Claude Galotta) se encontrava já pormenorizadamente delineada quando a partitura foi entregue a Jean-Pierre Drouet. Daí resultou que a música teve que colar-se exactamente às necessidades rítmicas e narrativas do que se iria passar em palco. Se por um lado este facto não favorece a intelegibilidade da obra no seu todo (nomeadamente na interligação sequencial das suas diversas partes, que se explicariam seguramente no acto cénico), por outro a música beneficia de uma unidade que lhe é concedida pela multiplicação das influências mediterrânicas que a história do herói grego inevitavelmente sugeriu a Drouet. Assim, podemos seguir um sugestivo percurso de influências (apoiado na diversidade instrumental com que a orquestra foi guarnecida) que vai dos ritmos folclóricos de Espanha, Grécia, Médio-Oriente e Norte de Africa até à obra para dança de Stravinsky e às diversas itinerâncias do jazz. De Galotta ficam os esboços de construção coreográfica com que esta edição é ilustrada. **GC**

VLADIMIR MILLER,
VITAS PILIBAVICIUS & VLADIMIR TARASOV
Frontiers
CD Leo Records Laboratory, 1995 – LEOLABCD016

Estes três músicos são oriundos de um país pluricontinental, ainda hoje considerado atrasado por longas décadas de obscurantismo totalitarista. Ao longo desse tempo, algum do seu proletariado exilou-se em outras nações, lá criou raízes e descendência – Leo Feigin, em serviço na BBC, funda a Leo Records, The Ganelin Trio torna-se um dos seus nomes mais conhecidos além-fronteiras, e o britânico de ascendência soviética Vladimir Miller lidera a Moscow Composers Orchestra. Com o tempo, a grande Rússia ocidentaliza-se e fragmenta-se num conjunto de grandes e pequenas nações, de onde emergem talentos pouco comuns, apesar do reconhecido desenvolvimento de alguns sectores (por exemplo no campo das artes musicais, como é o caso). Vem tudo isto a propósito para falar-vos de *Frontiers*, o disco que pela primeira vez reune Vladimir Tarasov (o baterista do trio dirigido por Vyacheslav Ganelin), Vladimir Miller (o pianista-maestro da MCO) e Vitas Pilibavicius (um lituano que foi considerado a revelação musical de 1995, e que se ocupa do trombone e raga). Estranho, pensaremos, o que poderá resultar do trabalho conjunto destes três músicos, que vem amadurecendo desde 1992. Propondo-nos sensibilidades individuais saídas de áreas musicalemnte tão diferentes – o jazz, a música contemporânea e o folk – o seu trabalho resulta inovador, aprazível e melódico, contráriamente ao que a escolha dos instrumentos poderia sugerir. Gravado em 1995 no teatro Vaidilos, na Lituânia, foi já produzido em Inglaterra por Leo Feigin. Internacionalista, de facto, mas não ideológicamente, estas são fronteiras que se abrem para o nosso prazer. Fronteiras que alguns (infelizmente) continuarão a teimar em não atravessar!... **LF**

ROSA CRUX
Proficere
CD Rosa Crux, 1995 – RC1995

Por Rosa Crux são conhecidas diversas associações esotéricas fundadas nos séculos XVII, XVIII e XIX, cujas crenças se baseiam na cabala cristã e na mística medieval. Os actuais rosa-cruzes falam de uma primeira ordem, cuja existência não foi demonstrada (provavelmente devido ao secretismo de que se fazia envolver), instituída no século XV por Christian Rosenkreutz, o qual terá vivido de 1378 a 1484. Segundo as tradições teosóficas dos rosas-cruzes, a antiga Ordem Mística da Rosa-Cruz encontra-se difundida por mais de oitenta países. Bom, depois da audição deste disco ficará talvez por saber se a influência dos rosa-cruzes se resume a aspectos conceptuais e estéticos ou se de facto *Proficere* se trata de um manifesto, celebrando a existência de tais associações. Seja como for, os Rosa Crux conseguem um trabalho muito consistente nos ambientes musicais que exploram: atmosferas similares às exploradas por outros projectos como, por exemplo, os Dead Can Dance quando procuram expressar e evocar as forças naturais, os In The Nursery com os seus ideais de domínio e triunfo apoteótico ou os Collection D'Arnell-Andrea quando procuram aflorar o desespero latente no seu modo mais frio e distante,